



## O FUTURO DO LIVRO IMPRESSO E AS EDITORAS

*Plinio Martins Filho*

O livro, como tecnologia de armazenamento e transmissão de conhecimento, segue insuperado. A tecnologia dos *e-readers* pode trazer vantagens para profissionais que precisam de livros de consulta com atualizações constantes; esses “leitores eletrônicos” podem ser práticos companheiros de viagens para quem não consegue carregar muitos volumes e, até mesmo, podem estimular a venda de mais títulos. Mas o futuro do livro ainda é na forma impressa, e esse deve ser o foco principal das editoras brasileiras nos próximos anos. Até que surja uma nova tecnologia realmente mais avançada, o livro vive – para a alegria de nossas bibliotecas, editoras, prateleiras e leitores.

Emitir juízo sobre o que está por vir, quase sempre, é parcelar um equívoco em prestações mais suaves. No que diz respeito ao futuro imediato do livro, porém, algumas considerações parecem oportunas. Em maior ou menor grau, os recentes debates a respeito do tema têm se debruçado sobre a dúvida: terá o formato “tradicional”, impresso em papel, chegado ao seu fim com o surgimento de novas tecnologias (no caso, os *e-readers* ou, na falta de termo melhor, “leitores eletrônicos”)?

A resposta, como em todas as vezes que esse questionamento foi levantado no último século, continua sendo “não”. E a negativa nada tem a ver com nostalgia: é, puramente, uma constatação tecnológica. Por contraditória que possa parecer a afirmação, a tecnologia do livro ainda é muito mais avançada que a dos leitores eletrônicos. Vale lembrar que, ao contrário do que prega a cultura vigente, uma nova tecnologia nem sempre é mais avançada do que a anterior, e a mais avançada prevalece até ser de fato superada.

O conceito de tecnologia admite diversas definições, mas podemos aqui entendê-la como o conjunto de técnicas utilizadas para superar determinado problema. A classificação de uma tecnologia como mais ou menos avançada que outra, por sua vez, se dá pela comparação entre a eficiência de ambas. O “problema” que a tecnologia do livro deve enfrentar, definamos desta forma, é o armazenamento e a disseminação do saber humano. Sob esse ponto de vista, a tecnologia do livro impresso ainda é a mais eficiente criada pelo homem.

Começemos pelo fator custo, que costuma ser, afinal, o que determina a adoção de qualquer tecnologia. O *e-reader*, obviamente, ainda é um aparelho muito mais caro que um livro. Ele vem acompanhado da premissa de que o comprador economizará na compra de futuros títulos, mais baratos em versão eletrônica do que física. A premissa é ilusória, uma vez que, a exemplo de todos os *gadgets* das últimas décadas, o usuário logo será obrigado a comprar novas versões do aparelho, a cada dois anos, no máximo, sob pena de ter um artefato obsoleto e sem suporte técnico em mãos. O custo dessas trocas, muito provavelmente, superará a quantidade de livros que o leitor compraria no mesmo período.

Custos ambientais também favorecem o livro. Enquanto este se vale de uma fonte renovável (quase todo o papel que se usa hoje vem de florestas controladas), o impacto de produzir um *e-reader* para cada leitor do planeta seria infinitamente pior. Além de envolver mais materiais, vários deles poluentes e não renováveis, o aparelho tem vida útil menor e é bem mais difícil de ser reciclado.

Há, também, o custo de manutenção. Depois de comprado, um livro não requer nenhum cuidado para continuar funcionando perfeitamente, salvo armazená-lo em condições nada exigentes. Já o *e-reader* ainda é um aparelho que necessita de recargas regulares, além de ser muito mais sensível para transporte e manuseio. Não pode ser molhado, nem levado para a praia – não serve sequer para apoio de cabeça em uma eventual soneca.

Como tecnologia de armazenamento de informação, o livro também continua sendo mais eficiente a longo prazo. Hoje, um *e-reader* pode conter muito mais informação que um volume de papel, mas enquanto livros que atravessaram séculos em perfeito estado se contam aos milhares, os *hard drives* têm vida útil cada vez menor. Em outras palavras, quantas vezes você já ouviu a frase “meu livro teve uma pane e perdeu todos os dados”?

Passemos, então, para aquela que é considerada a principal vantagem dos leitores eletrônicos: sua capacidade de armazenar, em um dispositivo leve e compacto, uma quantidade de livros muito maior do que pode carregar qualquer ser humano. Teoricamente, isso faria do *e-reader* um artefato mais eficiente que o livro para armazenar e espalhar conteúdo. O argumento até faz sentido, mas, posta de lado a lógica ingênua do “quanto mais, melhor”, fica a dúvida: é mesmo vantagem relevante carregar uma quantidade de títulos impossível de ser lida?

O entusiasta da nova tecnologia rapidamente sacará do bolso uma comparação com os *mp3 players*, hoje capazes de armazenar uma quantidade sobre-humana de música – e que por isso mesmo foram tidos como alçózes do CD. A comparação, apesar de frequente, peca por igualar duas experiências muito distintas. Via de regra, canções populares têm no máximo cinco minutos de duração, portanto faz sentido ter à disposição um sortimento grande de opções, inclusive para ouvi-las aleatoriamente. A tecnologia do *mp3 player* possibilita, portanto, uma experiência real e atraente que seria muito complexa de se conseguir com CDs.

Já os livros são experiências sem tempo definido. Alguns duram meses, outros até uma vida inteira, mas dificilmente duram menos que um dia, período no qual, espera-se, o leitor dormirá e largará tudo que estiver carregando. Logo, o que o *e-reader* tem de superior em relação ao livro é algo como uma carteira capaz de acomodar passagens para todos os países do mundo – de que adianta, se você só pode visitar um de cada vez?

Claro, o fato de uma vantagem não fazer muito sentido não a transforma, automaticamente, em desvantagem. Ninguém diria que é um problema ter toda sua biblioteca à disposição sem a necessidade de levantar da cadeira (os fisioterapeutas, talvez). Mas as coisas devem ser postas num contexto mais amplo: essa pequena e duvidosa vantagem do *e-reader* é suficiente para ofuscar todos os outros aspectos no qual o livro ainda é, incontestavelmente, mais eficaz? É o caso de proclamar a morte de uma tecnologia perfeitamente adequada, aperfeiçoada ao longo de quinhentos anos, como o livro? Ainda creio que não, e mais razões se somam à tecnologia para afirmá-lo.

Retomemos a comparação com música. Outra razão para duvidar de um “efeito iPod” no mercado editorial é que os aparelhos eletrônicos estão ainda muito distantes (e talvez nunca sejam capazes) de reproduzir satisfatoriamente a experiência sensorial de ler um livro. Para se experimentar a música, bastam os fones funcionarem; se o som vem de códigos binários ou de um feixe de laser sobre um pedaço de plástico, a sensação é a mesma.

Já um livro não é só seu conteúdo, é também a forma, a inteligência e a beleza com que o texto e as imagens são distribuídos em suas páginas. A legibilidade das fontes, as proporções da diagramação, o peso do papel, as margens abertas para a imaginação (e eventuais rabiscos), tudo isso faz parte da experiência do livro. Quem afirma que tais nuances não fazem diferença pode tentar explicar porque as pessoas não leem nem imprimem seus livros pela internet, o que seria sem dúvida mais simples e barato.

A tecnologia dos leitores eletrônicos, por sua vez, ainda está muito distante de abarcar o prazer sensorial único de cada livro, mostrando os textos todos da mesma forma, duros, corridos. Isso sem mencionar as imagens, que aparecem monocromáticas e grosseiras – alguém poderia imaginar livros infantis ou de fotografias, muitas vezes objetos de arte em si, substituídos por uma tela multifunção?

Além da visão e do tato, o livro exige atenção completa, proporcionando em contrapartida uma experiência intelectual única. Tanto é que ele sobrevive praticamente incólume a supostos “inimigos” como o rádio, a televisão e o computador – meios não necessariamente piores ou melhores que o papel, mas que sem dúvida não conseguiram suplantá-lo na função de armazenar e transmitir conhecimento.

Pode-se dizer que mais gente se informa hoje pela internet e pela televisão, mas é importante separar “informação” de “formação”. O livro, claro, é um meio “lento”,

não se presta a trazer informação imediata (e o imediatismo como valor incontestável da sociedade contemporânea é tema para muitos outros ensaios), mas ainda é o mais eficiente para transmitir conhecimento sólido sobre qualquer tema. Nenhuma universidade séria no mundo, por mais avançados que sejam seus campos de pesquisa, dispensou os livros como alicerce principal na formação de seus alunos.

Não é o caso, aqui, de fazer uma defesa anacrônica do livro em detrimento da televisão e da internet: sabemos todos que os meios podem e devem ser complementares. Mas classificaria de improvável a hipótese que uma formação proporcionada apenas pela internet – fragmentária, superficial e aleatória – possa ser preferível, sequer comparável, a uma formação aprofundada e crítica, para a qual os livros ainda são o meio mais apropriado.

Menciono a internet aqui porque os *e-readers* estão, verdade seja dita, muito mais próximos dos *laptops* e *smartphones* do que dos livros. O fato que não cansam a vista não esconde que são, em essência, *browsers* de navegação de conteúdo, razão pela qual são muito mais apropriados para a leitura de sites, jornais e revistas (em outras palavras, informação) do que para livros. Livros são recortes compreensíveis do universo em expansão que é o conhecimento humano; escolher um título e não outro para ler é, em si, um ato crítico perante essa quantidade infinita de informações – muito diferente da passividade de pagar para ter acesso a toda informação do mundo, mas não fazer nada com ela.

Concluo o raciocínio frisando que nada tenho contra a existência dos *e-readers*. Seria injusto, por exemplo, não notar as vantagens que trarão para profissionais que precisam de livros de consulta que requerem constante atualização, como advogados, dentistas, programadores etc. Eles podem também ser práticos companheiros de viagens para quem não consegue carregar muitos livros. Podem, inclusive, estimular a compra de mais títulos, como é comum com usuários de novas tecnologias. Com isso surgiria um novo mercado, e editoras pequenas teriam uma fonte extra de renda, sem a necessidade de grande investimento.

Mas é preciso deixar claro que o livro, como tecnologia de armazenamento e transmissão de conhecimento, segue insuperado. Seu futuro, portanto, ainda é impresso, e esse ainda deve ser o foco principal das editoras brasileiras nos próximos anos. Até que surja uma nova tecnologia realmente mais avançada, o livro vive – para a alegria de nossas bibliotecas, editoras, prateleiras e leitores.